

ARTIGOS

Sabichões envenenados

FLÁVIO TAVARES*

A cada ano, em tempos de Expointer penso na sabedoria humana. Não sei por que, mas em Esteio me sinto superior a touro, vaca, ovelha e demais quadrúpedes de que dependemos tanto, e percebo nossa imensa sapiência. Sabemos que no inverno faz frio, que faz calor no verão e, com lucidez, definimos outono e primavera como aquilo que não é uma coisa nem outra, mas que poderia ser tanto uma como outra se cada uma delas não fosse o que é! Raciocínio e dialética são coisa nossa. Ciência e tecnologia temos até em casa: sabemos que a água da chaleira borbulha e ferve a 100 graus e que, com a maior naturalidade, vira gelo no congelador da geladeira. Nosso saber é tão imenso, que espanta de tão intenso!

Mesmo assim, muitos nos enganam – não só os políticos de palavra oca. Aqueles que nos enganam, porém, são gente como nós e, assim, não nos enganam – apenas são mais sábios e rápidos do que a média geral dos sabichões vigentes. Já que agora é tempo de Expointer, ainda descobriremos que essa adulteração do leite com formol, ureia e água de rio (da qual não se fala mais) não é envenenamento, como disseram os terroristas pelos jornais, rádio e TV, meses atrás, mas um jeito de aumentar a capacidade nutritiva do que sai da teta das vacas...

Nem a mais talentosa vaca-campeã sabe que o leite é branco pelas caseínas e proteínas do soro, ou que a lactose fermentada vira queijo, *käschmier* e similares. Nenhuma vaca entende de nutrição nem sabe que seu líquido tem proteínas, gordura, lactose e sais minerais. Qualquer ordenhador de tambó sabe tudo o que elas ignoram.

Vaca é vaca. A campeã da Expointer jamais consulta as altas ciências do Google, como nós. Não sabe o que é internet nem tem Facebook. Não lê jornal nem sabe o que é um livro! Não se espere dela nada além de leite. Em compensação, o ser humano é gloriamente inventivo. Conhece misturas e sepulturas, alquimia e geografia. Sabe dos jeitinhos a resolver com beijinhos. E, para nos dar mais sol, no leite colocou formol.

O raciocínio é fácil: se formol conserva cadáver, conserva tudo o que mais seja. Junto à ureia, forma um duo superior ao dos tempos de glória do Chitãozinho e Xororó. Em 1773, descobriram que a ureia é tóxica, mas de lá para cá, de tanto intoxicar, arrependeu-se e se tornou tão boa, que hoje se presta à fabricação de plásticos e fertilizantes agrícolas. Mesmo com má fama, a ureia serviu à humanidade como estabilizador em explosivos de nitrocelulose e, não fosse ela, mais coisas teriam ido pelos ares no planeta. E, com formol, coloriu a água do rio adicionada ao leite!

Será que só um ínfimo grupo de transportadores pôs formol no leite distribuído a quatro indústrias apenas? Essas coisas restritas são do tempo em que as novidades iam em carreta de boi. Hoje, o telefone celular e a internet abreviam tudo, até a vida, e as manobras de tirar vantagem voam rápido.

Bebemos milhões de litros de formol transformados em leite, mas não se pesquisou sobre o dano que esse crime causou à população. Nem ministério nem secretaria de Saúde se interessaram pelas consequências. Talvez só algum anônimo médico (nacional ou estrangeiro) perdido por aí... Dias atrás, como castigo pelo grande feito, um dos laticínios firmou um burocrático “termo de ajuste de conduta” e vai “doar” o equivalente a R\$ 1,8 milhão por “danos morais coletivos” a entidades indicadas pelo Ministério Público! Ninguém se interessou pelos danos à saúde.

Agora, quando for à Expointer, talvez eu admire mais as vacas do que a envenenada sabedoria humana!



IOTTI



iotti@zerohora.com.br

Livro e circo

DIANA LICHTENSTEIN CORSO*
dianamcorso@gmail.com

A quem ocorreria montar um circo onde um povo se reunisse para falar de um ato íntimo, individual, tranquilo e reflexivo como a leitura? Pois há 32 anos, pareceu plausível à professora Tânia Rösing organizar um grande evento de literatura, no interior do Rio Grande do Sul. Ela contou com o apoio de um grupo muito especial de malucos, dispostos a viajar até Passo Fundo em época de vestir poncho. Capitaneados por Josué Guimarães, que comprou essa ideia aparentemente inviável, escritores importantes de todo o país se engajaram no projeto, que foi crescendo, crescendo, até ocupar uma lona de circo! Embaixo dela, discute-se sobre livros, tendências literárias, mas principalmente escutam-se os escritores falando de suas obras e processos criativos.

Se escrevermos qualquer coisa que torne necessário perguntar o que se quis dizer ali, provavelmente está mal redigido. Um bom texto prescinde da tradução oral. As letras precisam mostrar plena autonomia, abandonar seu autor como filhos que crescem, como um animal ferido do qual se cuidou e é devolvido à natureza, precisam partir sem olhar para trás. Para que, então, escutar os escritores, se suas obras já dão conta do que havia para ser dito?

Certamente não é para esclarecer sobre o que ele realmente “quis dizer”. Talvez ele nem saiba. Provavelmente nem se importe com isso. A fantasia não obedece às intenções do autor, é ele que se

submete a ela. Mas, depois que a ideia surge, o trabalho da escrita é uma lapidação suada, em busca da forma. O escritor constrói sua própria voz, um jeito peculiar de contá-la inserindo sua marca, sua assinatura. É assim que ele tenta se vingar da fantasia que o colonizou anteriormente, o estilo vira o jogo.

Curiosamente é também assim que acontece com nossos desejos, essas vontades ou tendências que mandam na nossa vida. Uma ideia se impõe, por vezes de forma explícita, por outras de maneira subliminar. Pensamos estar fazendo escolhas, enquanto as escolhas estão nos fazendo. Sucessos, falências, desvios de rumo, a trama da nossa vida por vezes parece ter sido escrita por um autor secreto que nos submete aos seus caprichos, que move os fios daquilo que queremos ter e ser.

Do mesmo jeito que os escritores, tentamos um ato de rebeldia sobre esses sonhos que se realizam em nós: vamos suar para lhes imprimir nosso estilo, nossa voz. Escutar os escritores serve para descobrir como esses bruxos das letras lidam com suas histórias,

das quais são igualmente autores e protagonistas. Aprendemos como eles as subjugam, como um flautista faz dançar uma serpente. Eles submetem as fantasias às suas palavras, lhes imprimem a cadência da pontuação, torcem, recortam, as assinam. Escutá-los é aprender a fazer da vida uma arte. Parece pouco? Pelo jeito, tem sido o suficiente para levar milhares de pessoas ao mesmo evento. É o respeitável público da mui espetacular Jornada Nacional de Literatura, que se inicia na próxima terça-feira.

É o respeitável público da mui espetacular Jornada Nacional de Literatura



*Jornalista e escritor

*Psicanalista